

JOHN GRAY

LIBRETO

SÃO PAULO/PORTO ALEGRE

FRONTEIRAS
DO PENSAMENTO

▶ **COMO VIVER
JUNTOS**

TEMPORADA
2015

Expediente

Fronteiras do Pensamento®
Temporada 2015

Curadoria
Fernando Schüler

Concepção e Coordenação Editorial
Luciana Thomé
Michele Mastalir

Pesquisa
Francisco Azeredo
Juliana Szabluk

Tradução Artigo
Cássia Zanon

Editoração e Design
Lume Ideias

Revisão Ortográfica
Renato Deitos

www.frenteiras.com



▶ JOHN GRAY

(Inglaterra, 1948)

Filósofo político britânico. Influente pensador, antecipou importantes eventos históricos globais. É autor de *Cachorros de palha*.

“Não temos controle sobre nosso destino. Nem sequer somos coautores de nossas vidas. Chegamos ao mundo sem escolher nossos pais, nosso lugar, a língua que vamos falar. O que fazemos é improvisar diante da realidade que encontramos.”

► VIDA E OBRA

Nascido em South Shields, na Inglaterra, John Gray é um influente pensador da Nova Direita inglesa e antecipou em seus trabalhos eventos globais como a queda do comunismo, o desastre do pós-guerra no Iraque e a crise financeira de 2008. Filósofo político com prestígio no meio acadêmico, cursou seu doutorado na Universidade de Oxford. É professor emérito da Escola de Economia e Ciência Política de Londres, onde ensinou a cátedra Pensamento Europeu no período de 1998 a 2007.

Conhecido por suas críticas ao humanismo e ao pensamento utópico, é autor de dezenas de livros traduzidos para mais de 30 idiomas. Produziu obras importantes sobre política e filosofia, como *Falso amanhecer – Os equívocos do capitalismo global* e *Al-Qaeda e o que significa ser moderno*.

Mas foi com *Cachorros de palha* que despontou na mídia e para os leitores em geral. Escrito em pequenos blocos, o livro desafia as suposições sobre o que significa ser humano e defende que o humanismo é uma ilusão e que todo o pensamento ocidental se baseou em crenças equivocadas sobre o lugar dos indivíduos no mundo. Gray defende que humanismo e fé são a mesma coisa.

Para ele, o progresso é uma ilusão, e os seres humanos não são intrinsicamente diferentes de outros animais.

Admirador de pessimistas como Arthur Schopenhauer, Joseph Conrad e Sigmund Freud, considera-os pensadores que encontram a fonte da barbárie e da crueldade na natureza humana e que não se surpreendem com a continuidade do horror ou sequer esperam que tudo melhore. Para Gray, filósofos iluministas como Immanuel Kant ou John Stuart Mill, que evocam melhores possibilidades para a humanidade, estão apenas oferecendo um mito de consolo.

Seu livro *Silence of the animals*, lançado em 2013 (sem tradução no Brasil), é considerado por alguns críticos como uma sequência de *Cachorros de palha*. Formado por três partes, trata do suposto mito do progresso humano e da disposição humana de criar mitos para si mesma e para o mundo por meio de ficções, e propõe uma alternativa: contemplar o mundo e permitir que ele apenas seja. Em 2015, publicou *The soul of the marionette: a short inquiry into human freedom* (sem tradução no Brasil). No livro, compara os humanos com a vida de uma marionete, questionando a própria ideia de liberdade.

Atualmente, contribui com regularidade para as publicações *The Guardian*, *New Statesman* e *The New York Review of Books*. Sua mais recente publicação no Brasil, *A busca pela imortalidade*, aborda a obsessão com a natureza da morte e as diversas tentativas do homem de explicar ou provar que existe vida após a morte.

John Gray defende que a humanidade é uma espécie gananciosa por destruir outras formas de vida e, assim como os animais, não possui controle sobre o seu destino. Para ele, o progresso humano é um mito, e a esperança de que a tecnologia possa livrar a sociedade das contingências do mundo natural é apenas uma versão secular da promessa da salvação pelo cristianismo.

“A espécie humana expandiu-se a tal ponto que ameaça a existência dos outros seres. Tornou-se uma praga que destrói e ameaça o equilíbrio do planeta. E a Terra reagiu. O processo de eliminação da humanidade já está em curso e, a meu ver, é inevitável. Vai se dar pela combinação do agravamento do efeito estufa com desastres climáticos e a escassez de recursos. A boa notícia é que, livre do homem, o planeta poderá se recuperar e seguir seu curso.”

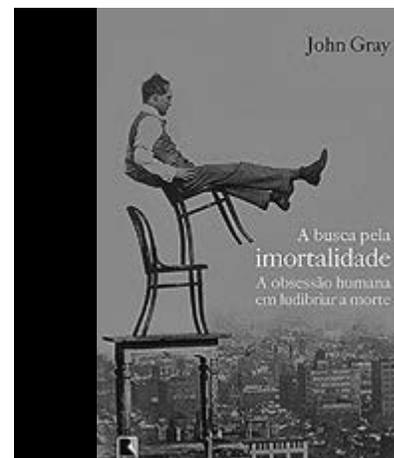
“Os seres humanos diferem dos animais principalmente pela capacidade de acumular conhecimento. Mas não são capazes de controlar seu destino nem de utilizar a sabedoria acumulada para viver melhor. Nesses aspectos, somos como os demais seres. Através dos séculos, o ser humano não foi capaz de evoluir em termos de ética ou de uma lógica política. Não conseguiu eliminar seu instinto destruidor, predatório. No século XVIII, o Iluminismo imaginou que seria possível uma evolução através do conhecimento e da razão. Mas a alternância de períodos de avanços com declínios prosseguiu inalterada. Regimes tirânicos se sucederam. A história humana é como um ciclo que se repete, sem evoluir.”

“Minha maior crítica ao cristianismo é sua tentativa de salvar toda a humanidade. O Islã também se coloca numa missão salvacionista, e por isso traz consigo tantos desastres. Não sou contra as religiões, e até acredito que os piores regimes foram os de base ateísta, como os de Stalin e Mao Tsé-tung. O cristianismo é em grande medida benigno e de-

vemos muito a ele. Mas é preciso buscar um certo grau de ceticismo, ter cautela para não buscar verdades absolutas. Desconfiar. O colapso do comunismo foi algo positivo, pois essa ideologia também havia se tornado uma crença. Em contrapartida, liberou forças muito perigosas baseadas em religião. Acredito que as filosofias orientais, como o taoísmo, são mais benéficas ao ser humano, porque têm objetivos mais modestos, nada expansionistas.”

“A ideia de que vidas examinadas tendem a ser melhores do que as outras me parece uma falsidade óbvia. O único benefício que a filosofia pode conceder é uma espécie de liberdade mental – mas isso não pode ser atingido enquanto a investigação filosófica for uma tentativa de provar alguma coisa para daí persuadir os outros disso.”

*“A crença moderna na possibilidade de melhoria gradual acompanha uma visão da história bastante diferente daquela do mundo antigo. Na Grécia e em Roma, na Índia e na China, por exemplo, a história era compreendida em termos cíclicos como a ascensão e a queda de civilizações. Avanços na ética e na política eram reais e valia a pena lutar por eles, mas eles sempre seriam perdidos no curso das próximas gerações – enquanto o conhecimento pode crescer ao longo do tempo, o ser humano permanece o mesmo. As falhas inerentes e incuráveis do animal humano sempre prevalecerão em qualquer civilização avançada. Como eu coloquei no *The silence of animals*, a civilização é natural para os seres humanos – mas também é a barbárie.”*



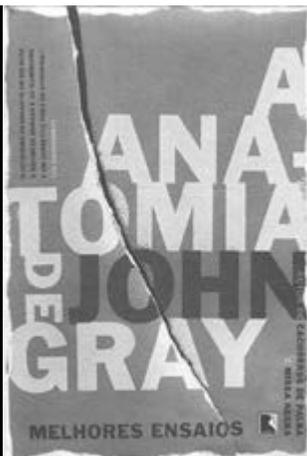
**A BUSCA PELA
IMORTALIDADE**

The immortalization

*commission: science and the
strange quest to cheat death*

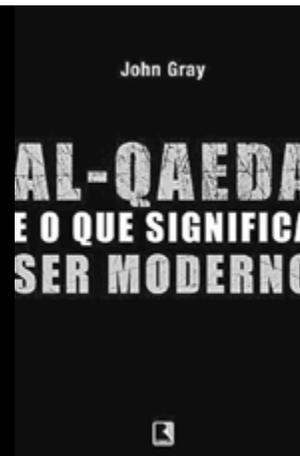
1ª edição – 2011 / Edição em
português – Record, 2014

A obsessão com a natureza da morte e as diversas tentativas do homem de tentar explicar e até provar que existe vida após a morte são o tema deste livro. A recusa em acreditar que a morte é o fim de tudo e insistir na nossa imortalidade resultou em vários experimentos e ideologias que, conforme John Gray apresenta, perduram até hoje.



A ANATOMIA DE GRAY
Gray's anatomy: selected writings
1ª edição – 2009 / Edição em português – Record, 2011

O livro apresenta uma seleção de textos produzidos por John Gray em um período de 30 anos. O autor procura destrinchar temas como o ateísmo contemporâneo, o progresso científico e a razão humana.



AL-QAEDA E O QUE SIGNIFICA SER MODERNO
Al-Qaeda and what it means to be modern
1ª edição – 2003 / Edição em português – Record, 2004

O ataque a Washington e Nova York em 11 de setembro de 2001 fizeram mais do que matar milhares de civis e demolir o World Trade Center. Eles destruíram o mito dominador do Ocidente. O livro engloba desde a análise dos mitos de dominação, das raízes filosóficas e da organização da Al-Qaeda até a ascensão das novas operações de guerra. Traz, ainda, uma breve história dos mercados livres globais, além do colapso dos Estados.

► NA WEB



CACHORROS DE PALHA

Straw dogs: thoughts on humans and other animals

1ª edição – 2002 / Edição em português – Record, 2005 (esgotada)

Cachorros de palha é um trabalho de filosofia que desafia nossas mais acalentadas pressuposições do que significa “ser humano”. John Gray mostra que, desde a filosofia de Platão ao advento da cristandade, do Iluminismo a Nietzsche, a tradição do pensamento ocidental foi baseada em crenças arrogantes e equivocadas sobre o lugar dos seres humanos do mundo.

FACEBOOK

<https://www.facebook.com/john.n.gray> (não oficial)

WIKIPEDIA

http://pt.wikipedia.org/wiki/John_N._Gray

WIKIPEDIA (em inglês)

[http://en.wikipedia.org/wiki/John_Gray_\(philosopher\)](http://en.wikipedia.org/wiki/John_Gray_(philosopher))

ENTREVISTAS

A civilização é natural para os seres humanos – mas também é a barbárie

Entrevista de John Gray, concedida para o *site* The Quietus em junho de 2013, traduzida no *site* do *Fronteiras do Pensamento*
<http://is.gd/Gray1>

(<http://www.fronteiras.com/entrevistas/john-gray-a-civilizacao-e-natural-para-os-seres-humanos>)

Como um acadêmico inglês se tornou um profeta preeminente da destruição

Entrevista para o jornal *The Telegraph*, publicada em fevereiro de 2013 (em inglês)

<http://is.gd/Gray2>

(<http://www.telegraph.co.uk/culture/books/booknews/9888780/John-Gray-interview-how-an-English-academic-become-the-worlds-pre-eminent-prophet-of-doom.html>)

Não estamos enfrentando nossos problemas

Entrevista para o jornal *The Independent*, publicada em abril de 2009 (em inglês)

<http://is.gd/Gray3>

(<http://www.independent.co.uk/news/world/politics/philosopher-john-gray-were-not-facing-our-problems-weve-got-prozac-politics-1666033.html>)

Contagem regressiva

Entrevista para a revista *Época*, publicada em dezembro de 2005

<http://is.gd/Gray4>

(<http://revistaepoca.globo.com/Epoca/0,6993,EPT1094439-1666,00.html>)

VÍDEOS E LINKS

As possibilidades do humano

Vídeo com John Gray da série portuguesa *O valor da liberdade*, publicado em março de 2015 (legendado)

<http://is.gd/Gray5>

(<https://www.youtube.com/watch?v=bSgXJjx8-8Q&feature=youtu.be>)

The Guardian

Artigos de John Gray publicados no jornal *The Guardian* (em inglês)

<http://is.gd/Gray6>

(<http://www.theguardian.com/profile/johngray>)

The New York Review of Books

Coluna de John Gray no *The New York Review of Books* (em inglês)

<http://is.gd/Gray7>

(<http://www.nybooks.com/contributors/john-gray/>)

NewStatesman

Coluna de John Gray com resenhas de livros no *NewStatesman* (em inglês)

<http://is.gd/Gray8>

(http://www.newstatesman.com/writers/john_gray)

A busca pela imortalidade

Texto de Rodrigo Constantino, publicado em outubro de 2014, sobre o livro de John Gray

<http://is.gd/Gray9>

(<http://veja.abril.com.br/blog/rodrigo-constantino/cultura/a-busca-da-imortalidade-construindo-falsos-deuses-em-nome-da-ciencia/>)

Sobre homem, crenças e mudanças

Entrevista em vídeo para o The Nexus Institute, publicada em dezembro de 2012 (em inglês)

<http://is.gd/Gray10>

(<https://www.youtube.com/watch?v=kkyrnyapGSI>)

Missa Negra

Resenha do livro *Missa Negra*, de John Gray, publicada no site da revista Bula, em maio de 2012

<http://is.gd/Gray11>

(<http://acervo.revistabula.com/posts/livros/missa-negra-de-john-gray>)

O QUE ASSUSTA OS NOVOS ATEUS

POR JOHN GRAY

Artigo traduzido pelo *Fronteiras do Pensamento*, publicado originalmente no site do jornal *The Guardian*, em março de 2015.

<http://www.theguardian.com/world/2015/mar/03/what-scares-the-new-atheists>

Em 1929, a Biblioteca do Pensador, uma série definida pela Associação de Imprensa Racionalista para avançar o pensamento secular e contrapor a influência da religião na Grã-Bretanha, publicou uma tradução inglesa do livro de 1899 do biólogo alemão Ernst Haeckel, *Os enigmas do universo*. Celebrado como “o Darwin alemão”, Haeckel foi um dos mais influentes intelectuais públicos do final do século XIX e começo do século XX. *Os enigmas do universo* vendeu meio milhão de cópias apenas na Alemanha e foi traduzido para dezenas de outras línguas. Hostil às tradições judaica e cristã, Haeckel elaborou sua própria “religião da ciência” chamada monismo, que incor-

porava uma antropologia que dividia a espécie humana em uma hierarquia de grupos raciais. Embora ele tenha morrido em 1919, antes da fundação do partido nazista, suas ideias, e sua ampla influência na Alemanha, inquestionavelmente ajudaram a criar um clima intelectual em que políticas de escravidão racial e genocídio puderam alegar alguma base na ciência.

A Biblioteca do Pensador também apresentou trabalhos de Julian Huxley, neto de T. H. Huxley, o biólogo vitoriano que era conhecido como “o buldogue de Darwin” por sua feroz defesa da Teoria da Evolução. Proponente do “humanismo evolucionário”, que descreveu como sendo uma “religião sem revelação”, Julian Huxley compartilhava de algumas das visões de Haeckel, incluindo a defesa da eugenia. Em 1931, Huxley escreveu que havia “uma certa quantidade de evidências de que o negro é um produto da evolução humana anterior ao mongol ou ao europeu e, como tal, seria de esperar que tivesse avançado menos, tanto em termos físicos quanto mentais”. Declarações deste tipo eram corriqueiras à época: havia muitos da *intelligentia* secular – incluindo H. G. Wells, também contribuinte da Biblioteca do Pensador – que ansiavam por um tempo em que pessoas “atrasadas” seriam refeitas em um molde ocidental ou desapareceriam do mundo.

Mas ao final da década de 1930, esses pontos de vista estavam se tornando suspeitos: já em 1935, Huxley admitiu que o conceito de raça era “dificilmente explicável

em termos científicos”. Embora jamais tenha renunciado à eugenia, pouco se ouviu dele sobre o assunto depois da Segunda Guerra Mundial. A ciência que declarou os ocidentais superiores era falsa – mas o que mudou a visão de Huxley não foi alguma revelação científica: foi a ascensão do nazismo, que revelou o que havia sido feito sob a égide do racismo à Haeckel.

Observa-se frequentemente que a cristandade acompanha as mudanças morais, sempre acreditando que se diferencia do mundo. O mesmo pode ser dito, com mais justiça, da versão predominante do ateísmo. Se uma geração anterior de céticos compartilhou os preconceitos raciais de sua época e os elevou ao *status* de verdades científicas, ateus evangélicos fazem o mesmo com os valores liberais em que as sociedades ocidentais acreditam hoje – enquanto olham com desprezo para culturas “atrasadas” que não tenham abandonado a religião. As teorias raciais promovidas por ateus no passado foram relegadas ao buraco da memória – e os ateus mais influentes de hoje não endossariam a biologia racista da mesma forma como jamais seriam vistos seguindo as orientações de um astrólogo. Mas eles não renunciaram à convicção de que valores humanos devem ser baseados na ciência. Agora são os valores liberais que recebem essa honra. Existem discussões, por vezes ferozes, sobre como definir e interpretar esses valores, mas sua supremacia quase nunca é questionada. Para missionários ateístas do século XXI, ser liberal e científico na perspectiva é a mesma coisa.

É uma equação tranquilizadamente simples. Na verdade, não existem conexões confiáveis – seja em termos de lógica ou história – entre ateísmo, ciência e valores liberais. Quando organizadas como movimento e apoiadas pelo poder do Estado, ideologias ateístas foram parte integral de regimes despóticos que também alegavam ser baseados na ciência, tal como a antiga União Soviética. Muitos sistemas políticos e moralidades rivais – a maioria, até hoje, não liberal – tentaram fazer valer uma base na ciência. Todos foram fraudulentos e efêmeros. No entanto, essa tentativa prossegue nos movimentos ateístas atuais, que alegam que os valores liberais podem ser cientificamente validados e são, portanto, humanamente universais.

Felizmente, este tipo de ateísmo não é o único que existe e existiu. Houve muitos ateísmos modernos, alguns dos quais mais convincentes e intelectualmente libertadores do que o tipo que faz tanto barulho hoje. Fazer campanha para o ateísmo é um empreendimento missionário, visando converter a humanidade a uma versão particular de descrença. Mas nem todos os ateístas se interessaram por propagar um novo evangelho, e alguns mantêm relacionamentos amistosos com credos tradicionais.

Os ateus evangélicos de hoje vêm valores liberais como parte de uma civilização global emergente. Mas nem todos os ateístas, mesmo quando se tratam de liberais comprometidos, compartilharam dessa convicção

reconfortante. O ateísmo existe de muitas formas irredutivelmente diferentes, entre as quais a variedade que está sendo promovida atualmente parece impressionantemente banal e paroquial.

* * *

Por si mesmo, o ateísmo é uma posição inteiramente negativa. Na Roma pagã, “ateu” (do grego *atheos*) significava qualquer um que se recusasse a idolatrar o panteão estabelecido de divindades. O termo era aplicado aos cristãos, que não apenas se recusavam a idolatrar os deuses do panteão como exigiam adoração exclusiva de seu próprio deus. Muitas religiões não ocidentais não contêm a concepção de um deus-criador – o budismo e o taoismo, em algumas de suas formas, são religiões ateístas do tipo – e muitas religiões não tiveram interesse em fazer proselitismo. Nos contextos ocidentais modernos, no entanto, ateísmo e rejeição do monoteísmo são praticamente intercambiáveis. Em linhas gerais, um ateu é alguém que não tem utilidade para o conceito de Deus – a ideia de uma mente divina que tenha criado a humanidade e incorpore de forma perfeita os valores que os seres humanos valorizam e se esforçam para realizar. Muitos que são ateus nesse sentido (incluindo eu mesmo) veem o ateísmo evangélico que surgiu ao longo das últimas décadas com perplexidade. Por que criar caso em torno de uma ideia que não faz sentido para você? Há multidões incalculáveis que não têm interesse em proclamar guerras por crenças que não significam nada para elas. Através da história, muitos

viveram suas vidas felizes sem se incomodar com questões fundamentais. Este tipo de ateísmo é uma das respostas perenes à experiência de ser humano.

Como movimento organizado, o ateísmo nunca é neutro nesse sentido. Ele sempre vem com um sistema de crença alternativo – tipicamente, um conjunto de ideias que serve para demonstrar que o Ocidente moderno é o ápice do desenvolvimento humano. Na Europa, desde o final do século XIX até a Segunda Guerra Mundial, esta foi uma versão da teoria da evolução que marcou os povos ocidentais como sendo os mais altamente evoluídos. Por volta do período em que Haeckel estava promovendo suas teorias raciais, uma teoria diferente de superioridade ocidental foi desenvolvida por Marx. Embora condenasse as sociedades liberais e profetizasse seus colapsos, Marx as via como o ponto alto do desenvolvimento humano até então. (Eis por que elogiava o colonialismo britânico na Índia como um desenvolvimento essencialmente progressivo.) Se Marx tinha sérias reservas ao darwinismo – e tinha –, era porque a teoria de Darwin não considerava a evolução como um processo progressivo.

As variedades predominantes de pensamento ateísta, no século XIX e no princípio do século XX, visavam demonstrar que o Ocidente secular era o modelo para uma civilização universal. O ateísmo missionário do presente é uma repetição deste tema. Mas, agora, o Ocidente está recuando, e por trás do fervor com que este ateísmo ataca

a religião está um inequívoco clima de medo e ansiedade. Até um ponto significativo, o novo ateísmo é a expressão de um pânico moral liberal.

Sam Harris, o neurocientista norte-americano e autor de *A morte da fé: religião, terror e o futuro da razão* (2004) e *A paisagem moral: como a ciência pode determinar os valores humanos* (2010), que foi possivelmente o primeiro dos “novos ateus”, ilustra este ponto. Seguindo muitos ideólogos ateístas anteriores, ele quer uma “moralidade científica”. Mas enquanto os primeiros expoentes deste tipo de ateísmo usavam a ciência para sustentar valores que todos agora concordariam ser não liberais, Harris aceita como verdadeiro que o que ele chama de “ciência do bem e do mal” não pode ser outra coisa que não liberal em conteúdo. (Nem todos concordarão com o que Harris considera serem valores liberais, que parece sancionar a prática de tortura: “Considerando o que muitos acreditam ser as exigências de nossa guerra contra o terrorismo”, ele escreveu em 2004, “a prática de tortura, em certas circunstâncias, pareceria ser não apenas admissível como necessária”.)

A militância de Harris ao afirmar esses valores parece ser em grande medida uma reação ao terrorismo islâmico. Para os liberais seculares de sua geração, o choque dos ataques de 11 de setembro foi além da terrível perda de vidas que eles provocaram. O efeito dos ataques foi colocar um ponto de interrogação sobre a crença de que

seus valores estavam se espalhando – lenta e por vezes irregularmente, mas irresistivelmente no longo prazo – por todo o mundo. Com a sociedade se tornando cada vez mais confiante na ciência, eles acreditavam, a religião declinaria inexoravelmente. Não havia dúvidas de que o processo seria acidentado e que bolsões de irracionalidade se manteriam nas margens da vida moderna, mas a religião definharia como fator de conflito humano. A estrada seria longa e sinuosa. Mas a grande marcha da razão secular continuaria, com cada vez mais sociedades se unindo ao Ocidente moderno na marginalização da religião. Um dia, a crença religiosa não seria mais importante do que *hobbies* pessoais ou gastronomia étnica.

Hoje, está claro que não há uma grande marcha em andamento. O aumento do jihadismo violento é apenas o exemplo mais evidente da rejeição da vida secular. O pensamento jihadista vem de diversas formas, mesclando tendências de ideologias do século XX, como o nazismo e o leninismo, com elementos derivados do movimento fundamentalista islâmico wahhabista do século XVIII. O que todos os movimentos islâmicos têm em comum é uma rejeição categórica de qualquer esfera secular. Mas a reversão que está ocorrendo na secularização não é um fenômeno peculiarmente islâmico.

O ressurgimento da religião é um fenômeno mundial. A ortodoxia russa está mais forte do que há mais de um século, enquanto que a China é cenário de um

novo despertar de suas crenças nativas e dos movimentos clandestinos que poderiam transformá-la no maior país cristão até o final deste século. Apesar de hesitantes mudanças de opinião que foram recebidas como provas de que o país está se tornando menos devoto, os EUA continuam sendo maciça e predominantemente religiosos – é inconcebível, por exemplo, que um descrente assumido pudesse se tornar presidente.

Para pensadores seculares, a progressiva vitalidade da religião questiona a crença de que a história serve de base para seus valores. Certamente, há discordâncias quanto à natureza desses valores. Mas praticamente todos os pensadores seculares hoje consideram como certo que as sociedades modernas devem no fim convergir para alguma versão do liberalismo. Nunca tendo sido procedente, esta suposição é hoje claramente irracional. Assim, não pela primeira vez, pensadores seculares se voltam para a ciência em busca de uma base para seus valores.

É provavelmente da mesma forma que a atual geração de ateístas pareça saber tão pouco sobre a longa história dos movimentos ateístas. Quando afirmam que a ciência pode transpor fato e valor, eles ignoram os diversos sistemas de valor incompatíveis que foram defendidos dessa forma. Não há mais motivo para acreditar que a ciência possa determinar valores humanos hoje do que havia no tempo de Haeckel ou Huxley. Nenhum dos valores divergentes que ateus promoveram de tempos em tempos

tem qualquer conexão essencial com o ateísmo ou com a ciência. Como qualquer aumento no conhecimento científico poderia validar valores como igualdade humana e autonomia pessoal? A fonte desses valores não é a ciência. Na verdade, como o mais lido pensador ateu de todos os tempos argumentou, esses valores liberais por excelência têm suas origens no monoteísmo.

* * *

Os novos ateus raramente mencionam Friedrich Nietzsche, e quando o fazem é normalmente para rejeitá-lo. Isso não pode ser porque se diz que as ideias de Nietzsche teriam inspirado o culto nazista de desigualdade racial – uma história improvável, considerando-se que os nazistas alegavam que seu racismo era baseado na ciência. O motivo pelo qual Nietzsche foi excluído das correntes predominantes do pensamento ateu contemporâneo é que ele expôs o problema que o ateísmo tem com a moralidade. Não é que ateus não possam ser morais – assunto de tantos debates ridículos. A questão é a qual moralidade um ateu deveria servir.

É uma pergunta conhecida na Europa continental, onde um grande número de pensadores explorou a possibilidade de um “ateísmo difícil” que não aceita os valores liberais como verdade. Não se pode dizer que algo de mais tenha resultado deste esforço. O projeto pós-moderno de ateologia de Georges Bataille não produziu a

religião sem deus que ele pretendia originalmente nem qualquer tipo coerente de pensamento moral. No entanto, pelo menos Bataille, e outros pensadores como ele, compreenderam que, quando o monoteísmo é deixado para trás, a moralidade não pode continuar como antes. Entre outras coisas, as alegações universais de moralidade liberal se tornam altamente questionáveis.

É impossível ler muitas das polêmicas contemporâneas contra a religião sem ter a impressão de que para os “novos ateístas” o mundo seria um lugar melhor se o monoteísmo judeu e cristão jamais houvesse existido. Se ao menos o mundo não estivesse importunado por esses enervantes azucrinadores de deus, sempre se lamentando, os valores liberais estariam muito mais seguros. De modo embaraçoso para esses ateus, Nietzsche compreendia que o liberalismo moderno era uma encarnação secular dessas tradições religiosas. Como estudioso clássico, ele reconhecia que uma fé mística grega de razão havia moldado a matriz cultural de onde surgiu o liberalismo moderno. Alguns antigos estoicos defendiam o ideal de uma sociedade cosmopolita, mas isso era baseado na crença de que os humanos compartilham no Logos um princípio imortal de racionalidade que mais tarde foi absorvido na concepção de Deus com a qual todos temos familiaridade. Nietzsche foi claro ao dizer que as principais fontes do liberalismo foram os teísmos judeu e cristão: eis por que ele era tão duramente hostil a essas religiões. Ele era ateu em grande medida porque rejeitava os valores liberais.

Sem dúvida, descrentes evangélicos negam com determinação que o liberalismo precisa de algum suporte do teísmo. Se forem filósofos, pegarão seus enferrujados equipamentos intelectuais e afirmarão que quem pensa que o liberalismo se baseia em ideias e crenças herdadas da religião são culpados de uma falácia genética. Pensadores liberais canônicos, como John Locke e Immanuel Kant, podiam estar impregnados de teísmo, mas ideias não são deformadas por se originarem de erros. As poderosas alegações que esses pensadores fizeram em favor dos valores liberais podem ser apartadas de seus princípios teístas. Uma moralidade liberal que se aplique a todos os seres humanos pode ser formulada sem qualquer menção de religião. Ou é o que nos dizem continuamente. O problema é que é difícil encontrar algum sentido na ideia de uma moralidade universal sem invocar uma compreensão do que é ser humano emprestada do teísmo. A crença de que a espécie humana seja um agente moral lutando para realizar suas possibilidades inerentes – a narrativa da redenção que sustenta humanistas seculares de toda parte – é uma versão esvaziada de um mito teísta. A ideia de que a espécie humana está lutando para alcançar qualquer objetivo ou meta – digamos um estado universal de liberdade e justiça – pressupõe uma forma pré-darwiniana e teológica de pensar que não tem espaço na ciência. Falando empiricamente, não existe esse agente humano coletivo, apenas seres humanos diferentes com metas e valores conflitantes. Se pensarmos em moralidade em termos científicos, como

parte do comportamento do animal humano, descobriremos que os humanos não vivem segundo iterações de um único código universal. Em vez disso, eles elaboraram muitas formas de vida. Uma pluralidade de moralidades é tão natural para o animal humano como a variedade de idiomas.

A esta altura, o terrível espectro do relativismo tende a ser mencionado. A conversa sobre moralidades plúrais não significa que não pode haver verdade na ética? Bem, qualquer um que deseje ter seus valores garantidos por algo além do caprichoso mundo humano deve entrar para uma religião tradicional. Se deixarmos de lado qualquer visão de humanidade que tenha sido emprestada do monoteísmo, teremos de lidar com os seres humanos como os encontramos, com seus valores eternamente em guerra.

Este não é o relativismo celebrado pelos pós-modernistas, que sustenta que os valores humanos são meramente construções culturais. Humanos são como outros animais no sentido de terem uma natureza definida, que molda suas experiências, quer eles queiram ou não. Ninguém se beneficia de ser torturado ou perseguido por conta de sua religião ou sexualidade. Ser cronicamente pobre raramente, ou nunca, é uma experiência positiva. Correr risco de morte violenta é ruim para qualquer ser humano, seja qual for a sua cultura. Esses truísmos poderiam ser multiplicados. Valores humanos universais podem ser compreendidos como algo semelhante a fatos

morais, marcando coisas boas e más que são genericamente humanas. Usando esses valores universais, talvez seja possível definir um padrão mínimo de vida civilizada que todas as sociedades deveriam cumprir, mas este mínimo não serão os valores liberais do presente transformados em princípios universais.

Valores universais não resultam em uma moralidade universal. Tais valores são muito frequentemente conflitantes, e diferentes sociedades resolvem esses conflitos de formas divergentes. Durante parte de sua história, o império otomano foi um refúgio de tolerância para comunidades religiosas que eram perseguidas na Europa. No entanto, esse pluralismo não se estendia a permitir que indivíduos passassem de uma comunidade a outra ou formassem novas comunidades conforme escolha, como seria exigido por um ideal liberal de autonomia pessoal. O império de Habsburgo era baseado na rejeição do princípio liberal da autodeterminação. Porém – possivelmente por este mesmo motivo –, protegeu mais minorias do que a maior parte dos estados que o sucederam. Ao proteger valores universais sem honrar o que agora se vê como ideais liberais fundamentais, esses arcaicos regimes imperiais foram mais civilizados do que muitos estados existentes hoje.

Para muitos, regimes desse tipo são exemplos im perfeitos do que todos os seres humanos desejam secretamente – um mundo no qual ninguém é privado de

liberdade. A convicção de que a tirania e a perseguição são aberrações em questões humanas está no cerne da filosofia liberal predominante hoje. Mas esta crença é sustentada mais pela fé do que por provas. Através da história, houve muitos que abriram mão com satisfação de suas liberdades desde que aqueles a quem odiavam – gays, judeus, imigrantes e outras minorias, por exemplo – fossem igualmente privados de liberdade. Muitos estavam prontos para apoiar a tirania e a opressão. Bilhões de seres humanos vêm contradizendo os valores liberais e não há por que pensar que isso será diferente no futuro.

Uma geração mais velha de pensadores liberais aceitou este fato. Como afirmou o falecido Stuart Hampshire:

“Não é apenas possível, como, diante das provas atuais, provável que a maior parte das concepções de bondade e a maior parte dos modos de vida típicas das sociedades comerciais, liberais e industrializadas frequentemente parecerá detestável a grandes minorias dentro dessas sociedades e ainda mais detestável à maioria das populações dentro das sociedades tradicionais... Como liberal por convicção filosófica, creio que eu deveria esperar ser odiado e considerado superficial e desprezível por uma grande parte da humanidade”.

Hoje, este é um pensamento proibido. Como poderia toda a humanidade não querer ser como imaginamos que somos? Sugerir que muita gente odeia e despreza va-

lores como tolerância e autonomia pessoal é, para muita gente hoje em dia, uma calúnia intolerável à espécie. Esta é, na verdade, a principal ilusão do liberalismo vigente: a crença de que todos os seres humanos nascem pacíficos e amando a liberdade e se tornam outra coisa apenas como resultado de um condicionamento opressor. Mas não há nenhum liberal escondido tentando escapar do meio dos assassinos do Estado Islâmico e do Boko Haram, mais do que havia entre os torturadores que serviram ao regime de Pol Pot. É certo que esses são casos extremos. Mas, ao longo da história, violência e perseguições baseadas na fé, seculares e religiosas, não são exatamente incomuns – e vêm sendo amplamente apoiadas. A coexistência pacífica e a prática da tolerância é que são excepcionais.

* * *

Levando em consideração as alternativas oferecidas, sociedades liberais valem ser defendidas. Mas não há motivo para acreditar que essas sociedades estejam no começo de uma civilização secular de toda a espécie do tipo com que sonham os ateístas evangélicos.

Na Grécia e na Roma antigas, a religião não era separada do restante da atividade humana. A cristandade era menos tolerante do que as sociedades pagãs, mas sem elas as sociedades seculares dos tempos modernos dificilmente seriam possíveis. Ao adotar a distinção entre o que se devia a César e a Deus, Paulo e Agostinho – que transfor-

maram o ensinamento de Jesus em um credo universal – abriram o caminho para as sociedades nas quais a religião não era mais coextensivo à vida. Regimes seculares existem em diversas formas, alguns liberais, outros tirânicos. Alguns visam à separação da igreja e do Estado, como nos EUA e na França, enquanto que outros – como o regime ataturkista, que até recentemente governou a Turquia – pregam o controle do Estado sobre a religião. Qualquer que seja sua forma, um estado secular não é garantia de uma cultura secular. A Grã-Bretanha tem uma igreja estabelecida, mas, apesar disso – ou mais provavelmente por causa disso –, a religião exerce um papel menor na política do que nos Estados Unidos e é menos desagregadora publicamente do que na França.

Não há sinal em lugar algum de que a religião esteja enfraquecendo, mas de modo algum todos os ateístas consideraram o desaparecimento da religião como possível ou desejável. Alguns dos mais importantes – incluindo o poeta e filósofo do começo do século XIX Giacomo Leopardi, o filósofo Arthur Schopenhauer, o filósofo e escritor austro-húngaro Fritz Mauthner (que publicou uma história do ateísmo em quatro volumes no começo dos anos 1920) e Sigmund Freud, para citar alguns – eram ateístas que aceitavam o valor humano da religião. Uma coisa que esses ateístas tinham em comum era uma revigorante indiferença em relação a questões de crença. Mauthner – que é lembrado hoje principalmente por conta de uma desconsiderada menção de uma linha

no *Tractatus* de Wittgenstein – sugere que a crença e a descrença eram ambas expressões de uma supersticiosa fé na linguagem. Para ele, “humanidade” era uma aparição que se funde com a divindade de partida. O ateísmo era uma experiência de vida sem tomar conceitos humanos como realidades. Curiosamente, Mauthner via paralelos entre este ateísmo radical e a tradição da teologia negativa em que nada pode ser afirmado sobre Deus e descrevia o místico cristão medieval herético Mestre Eckhart como sendo ateu nesse sentido.

Acima de tudo, esses ateístas não evangélicos aceitavam que a religião é definitivamente humana. Embora nem todos os seres humanos possam lhes dar muita importância, toda sociedade contém práticas que são reconhecidamente religiosas. Por que a religião deveria ser universal dessa forma? Para missionários ateístas, esta é decididamente uma pergunta embaraçosa. Invariavelmente, eles alegam ser seguidores de Darwin. No entanto, eles nunca se perguntam a qual função evolutiva serve este fenômeno de toda a espécie. Há uma contradição insolúvel entre ver a religião de maneira naturalista – como uma adaptação humana à vida no mundo – e condená-la como um tecido de erro e ilusão. E se o desfecho do inquérito científico for o de que existe uma necessidade de ilusão embutida na mente humana? Se religiões são naturais para os humanos e dão valor a suas vidas, por que passar a vida tentando convencer os outros a abrir mão delas?

A resposta que será dada é que a religião está implicada em muitos males humanos. É claro que isso é verdade. Entre outras coisas, a cristandade trouxe consigo um tipo de repressão sexual que era desconhecido nos tempos pagãos. Outras religiões têm suas próprias falhas características. Mas a culpa não é da religião, da mesma forma que a ciência não pode ser responsabilizada pela proliferação de armas de destruição em massa ou a medicina e a psicologia pelo refinamento das técnicas de tortura. A culpa é do intratável animal humano. Como a religião em sua pior forma, o ateísmo contemporâneo alimenta a fantasia de que a vida humana pode ser refeita por uma experiência de conversão – neste caso, a conversão à descrença.

Ateístas evangélicos do presente são missionários de seus próprios valores. Se uma geração anterior promoveu os preconceitos raciais de seu tempo como verdades científicas, a nossa visa dar às ilusões do liberalismo contemporâneo uma base semelhante na ciência. É possível prever diferentes variedades de ateísmo se desenvolvendo – ateísmos mais parecidos com o de Freud, que não substituíam Deus com uma imagem lisonjeira da humanidade. Mas ateísmos desse tipo dificilmente serão populares. Mais do que qualquer outra coisa, nossos descrentes buscam alívio do pânico que os domina quando eles se dão conta de que seus valores são rejeitados por grande parte da humanidade. O que os livres pensadores de hoje querem é liberdade da dúvida, e a versão predominante do ateísmo é bem adequada para dar isso a eles.

O mais recente livro de John Gray é *The Soul of the Marionette: a short inquiry into human freedom* (A alma da marionete: um breve inquérito sobre a liberdade humana), publicado em março por Allen Lane/Penguin Books.

FR**NTEIRAS**
DO PENSAMENTO